O Haiti e os imigrantes haitianos no jornal *O Progresso* (2010-2014)

Haiti and Haitian immigrants on the pages of the newspaper "O Progresso" (2010-2014)

Paula Yuri Shimonishi Lardo[1]
Fabiano Coelho[2]

Resumo
O deslocamento de pessoas entre países não é um fenômeno contemporâneo, pois desde que a humanidade existe, indivíduos e grupos são movidos por diversos fatores a se aventurarem por terras desconhecidas. A chegada dos haitianos ao estado de Mato Grosso do Sul iniciou-se em 2010, tendo Corumbá e Campo Grande como principais destinos; e partir de 2013 outras cidades, incluindo Dourados, foram inseridas neste fluxo. Nesse contexto, a pesquisa tem como objetivo central analisar as representações sobre o Haiti e os imigrantes haitianos no estado por meio do jornal *O Progresso*, entre os anos de 2010 e 2014. O periódico referido concentra um número significativo de matérias sobre os imigrantes que vieram para o estado de Mato Grosso do Sul. Ao analisar notícias sobre esses imigrantes, no recorte temporal destacado, percebeu-se que, sistematicamente, os haitianos foram representados como um problema social, um incômodo, e uma ameaça ao desenvolvimento das cidades que lhes abrigam, construindo e/ou reforçando imagens negativas desses sujeitos.
Palavras-chave: Haitianos. Mato Grosso do Sul. Fluxos migratórios.

Abstract
The displacement of people between countries is not a contemporary phenomenon. Individuals and groups have been driven by several factors to venture into unknown lands since the beginning of humanity. The arrival of Haitians in the state of Mato Grosso do Sul began in 2010, with Corumbá and Campo Grande as their main destinations; and from 2013, other cities, including Dourados, were included in this flow. In this context, the research has as main objective to reflect on the representations about Haiti and Haitian immigrants in the state through the newspaper O Progresso, between the years 2010 and 2014. The referred periodical concentrates a significant number of articles about the immigrants who came to the state of Mato Grosso do Sul. When analyzing news about these immigrants, in the highlighted time frame, it was noticed that, systematically, Haitians were represented as a social problem, a nuisance, and a threat to the development of the cities that shelter them, building and/or reinforcing negative images.
Keywords: Haitians. Mato Grosso do Sul. Migratory flows.

Introdução

Os fluxos migratórios internacionais são uma realidade estabelecida na atualidade. Não é de hoje que homens e mulheres sentem necessidade de se deslocarem em terras desconhecidas, pelo contrário, a história da humanidade se confunde com a ação de migrar. Embora na contemporaneidade tenhamos relatórios emitidos por importantes

[1] Doutoranda em História pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal da Grande Dourados (PPGH/UFGD).
[2] Doutor em História pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal da Grande Dourados (PPGH/UFGD). Docente dos Cursos de Graduação e Pós-Graduação (Mestrado e Doutorado) em História da UFGD. Pesquisador Associado do INCT Proprietas (CNPq).

órgãos internacionais como os Relatórios de Migração Internacional da Organização das Nações Unidas (ONU) e os Relatórios Mundiais de Migração da Organização Internacional para as Migrações (OIM)[3], nem sempre os fluxos migratórios internacionais foram objetos de estudos. O interesse sobre este tema pode ser considerado relativamente recente, já que a discussão se torna relevante no século XX[4], acompanhando o surgimento das enormes ondas migratórias, internacionais e domésticas, ensejando questionamentos com relação às mesmas.

A visibilidade conquistada por esses fluxos contribuiu para que novas questões fossem abordadas. A problemática dos fluxos migratórios internacionais deixou de girar em torno somente de questões territoriais, econômicas ou tentativas de explicar os motivos da partida. O destaque adquirido pelo tema gerou análises que visavam os processos de adaptação dos grupos imigrantes, as diferentes formas que os mesmos eram e são representados dentro da nova sociedade, assim como também possibilitou a identificação dos países emissores e receptores de imigrantes.

No Brasil, os debates acerca dos fluxos migratórios internacionais são intensificados a partir da década de 1970. É importante ressaltarmos que durante o século XIX e quase todo o século XX[5], o Brasil possuía um saldo migratório internacional considerado positivo.

[3] A Organização Internacional para as Migrações publicou seu primeiro relatório em 2000, inicialmente como uma publicação única destinada a aumentar a compreensão da migração por parte dos formuladores de políticas e do público em geral. A sua contribuição para a política de migração, bem como para os estudos de migração, foi oportuna e o seu sucesso anunciou a série de relatórios de migração mundiais. Desde 2000, nove relatórios de migração mundiais foram produzidos pela OIM e se tornou a principal série de publicações da organização. Seu foco está em fazer uma contribuição relevante, sólida e baseada em evidências que aumente a compreensão da migração por parte de formuladores de políticas, profissionais, pesquisadores e o público em geral.

[4] Do século XIX até a Segunda Guerra Mundial (1939 – 1945), os fluxos migratórios eram predominantemente originários do continente europeu. Esse movimento foi causado principalmente pela forte pressão populacional resultante da explosão demográfica pela qual os países do continente vinham passando e também, pelos avanços do capitalismo e o acelerado desenvolvimento tecnológico relacionado aos transportes terrestres e à navegação transoceânica.

[5] Desde a chegada dos primeiros portugueses, o país se caracterizava por ser um receptor de populações deslocadas, fossem elas compostas pelos próprios colonizadores, por religiosos, por invasores europeus, por escravos vindos da África e por refugiados de guerra, dentre outros grupos que chegaram posteriormente. Dentre estes últimos, imigrantes oriundos de uma Europa oitocentista em acelerado processo de transformações, que se estabeleceram em colônias situadas nas Regiões Sudeste e Sul, muitas das quais mantendo preservadas suas tradições culturais (OLIVEIRA, 2017).

Isso significa que o número de imigrantes de outros países superava o número de brasileiros que tinham intenção de fixar residência no exterior. O fluxo de brasileiros, principalmente para os Estados Unidos, contribuiu para que o Brasil se tornasse um país emissor (MARGOLIS, 1994). O número considerável de brasileiros vivendo no exterior e as pesquisas decorrentes desse fenômeno podem ter colaborado para que os estudos sobre os imigrantes em território brasileiro não fossem tão eminentes.

O ano de 2010 sinaliza uma mudança neste cenário, pois marca o início da emigração haitiana para o Brasil, fluxo esse que ganhou muito destaque na mídia nacional (COTINGUIBA, 2014; HANDERSON, 2015; TÉLÉMAQUI, 2012). Sabe-se que, a princípio, a entrada desses imigrantes se deu pelos estados do Acre e do Amazonas e que, mais tarde, outras regiões os receberam, incluindo o Mato Grosso do Sul (JESUS, 2016). A chegada dos haitianos ao Mato Grosso do Sul acompanhou o fluxo para o Brasil, iniciou-se em 2010, tendo Corumbá e Campo Grande como principais destinos. A partir de 2013 outras cidades como Dourados, Três Lagoas, Itaquiraí, Nova Alvorada do Sul e Naviraí foram inseridas neste fluxo (JESUS, 2016).

Esta pesquisa tem como objetivo central refletir sobre as representações face ao Haiti e aos imigrantes haitianos no estado de Mato Grosso do Sul por meio do jornal *O Progresso*, atualmente a mídia impressa de maior expressão no município de Dourados. Para tanto, delimitou-se o recorte temporal entre os anos de 2010 e 2014. *O Progresso*, conforme versão oficial do próprio periódico, fora publicado desde a década de 1920, quando ainda era produzido na cidade de Ponta Porã; e na década de 1950 passou a ser editado em Dourados[6]. O conceito de representação, a partir das concepções de Roger Chartier (1990), foi uma ferramenta teórica importante para realizarmos as reflexões, uma vez que ampliou as possibilidades de interpretação dos textos produzidos no periódico analisado.

Ressaltamos que o abandono da utópica busca pela imparcialidade nas pesquisas permitiu que os documentos oficiais dividissem espaço com outras fontes, dentre elas o

[6] O periódico se encontra digitalizado no Centro de Documentação Regional (CDR), da Universidade da Grande Dourados (UFGD).

jornal. Assim, a "imprensa escrita como fonte de estudo através da divulgação e análise do seu discurso se tornou essencial para a compreensão das representações do pensamento e dos imaginários de determinadas épocas" (KRENISKI; AGUIAR, 2011, p. 2). Nessa perspectiva, a pesquisa intenta compreender e evidenciar as representações geradas a partir dos textos jornalísticos, sem deixar de contextualizar o fluxo migratório para o país e para o estado de Mato Grosso do Sul.

Haitianos no Brasil

Discutir fluxos migratórios internacionais não é algo simples (ZAMBERLAM, 2004), pois esta temática transcende os fatores geográficos e abrange dentre outros, aspectos culturais, sociais, econômicos e políticos. Ao problematizarmos esses fluxos, a primeira pergunta que vem à tona é: o que leva as pessoas a migrarem? Pode-se dizer que o intuito de responder à esta pergunta fomentou pesquisas sobre deslocamentos transnacionais. Descobriu-se, a princípio, que as motivações que levam à migração são as mais variadas possíveis, dentre as quais, para além dos estímulos puramente econômicos, podemos destacar: desastres naturais, problemas políticos e migrações forçadas. Contudo, os estudos sobre os fluxos migratórios internacionais podem ser considerados relativamente recentes, ainda que alguns autores do século XIX[7] já os abordassem, de forma não central, o tema.

Os estudos sobre migrações vêm despertando o interesse de várias áreas do conhecimento, sendo, portanto, enfocados com base em diversos olhares (SIMMONS, 1991). Os modelos explicativos derivados da Antropologia, Demografia, Economia, Sociologia, História e Geografia, se pautados isoladamente, tem limitações em integrar as diversas formas de manifestação do fenômeno migratório, ambientes históricos e perspectivas disciplinares. Embora possamos dizer que não existe uma teoria geral das migrações, podemos afirmar que o debate entre as abordagens teóricas acerca do

[7] De acordo com Sasaki e Assis (2000, p. 2), autores clássicos como Malthus, Marx, Durkheim e Weber, entendiam os fenômenos migratórios como consequências do processo de urbanização, industrialização e do próprio de desenvolvimento do capitalismo. Dessa forma, os fluxos migratórios formados nada mais eram do que uma preocupação secundária.

fenômeno migratório, apesar de suas variadas vertentes, está de alguma forma associado ao *push-pull* (movimento de atração/ repulsão) e, apesar de possuírem aspectos em comum, por muito tempo dividiram-se entre o aporte macro e o micro[8].

Devemos salientar, entretanto, que as teorias existentes sobre os movimentos migratórios não são necessariamente excludentes e/ou contraditórias. Concordamos com Massey *et al.* (2009) quando o mesmo afirma que os processos que influenciam os fluxos migratórios internacionais podem operar em vários níveis simultaneamente e que, portanto, cada um destes níveis deve ser visto como um prisma a partir do qual se olha uma realidade complexa que, dessa forma, tem que ser decomposta em partes manejáveis. Nessa direção, reconhecemos que a interdisciplinaridade é um movimento profícuo nos estudos sobre fluxos migratórios, pois o pesquisador terá a oportunidade de alargar os horizontes para o entendimento de um fenômeno complexo, que não pode ser pensado de forma linear e nem absoluta.

Ao olharmos para o Haiti, nota-se a partir do Relatório Internacional de Migração e de outros relatórios[9] que os haitianos se encontram em diferentes lugares do mundo, destacando-se os Estados Unidos, o Canadá, a França, a República Dominicana e Cuba. Embora, aparentemente, a migração seja "uma consequência" da modernidade – tendo

[8] De forma breve, podemos dizer que as teorias que abordam os aspectos macro da migração enfatizam os aspectos conjunturais das regiões de origem e destino do migrante, as teorias micro focam na análise no âmbito do indivíduo, da família ou do domicílio. De acordo com as teorias macro e suas extensões, as migrações internacionais, assim como as internas, são causadas por diferenças geográficas na oferta e demanda de trabalho. Os países com uma grande quantidade de mão de obra em relação ao capital oferecem baixos salários de mercado, enquanto os países com mão de obra limitada em relação ao capital são caracterizados por um salário de mercado elevado. A diferença resultante dos salários provoca a saída de trabalhadores do país de baixos salários para o país de altos salários. O resultado desse movimento geraria um equilíbrio, na qual as diferenças salariais iriam refletir apenas os custos financeiros e físicos do deslocamento geográfico. A explicação simples e convincente do processo que engloba a migração internacional oferecido pela teoria macroeconômica pode ter influenciado o pensamento público, no que tange os fluxos internacionais, contribuindo como base intelectual para as políticas de imigração. Partindo de um pressuposto diferente, temos as teorias centradas no aspecto micro. Na teoria microeconômica neoclássica o indivíduo, como ser racional, está no centro da ação e, após mensurar o custo-benefício, decide se irá ou não realizar o deslocamento (LEE, 1980). Assim, o migrante é tido como responsável por escolher seu local de destino, considerando as suas características pessoais apesar do recente processo de globalização (CANCLINI, 2013, p. 16-28; MARTINS, 2009; SANTOS, 2008).

[9] Relatórios Mundiais de Migração da Organização Internacional para as Migrações. Disponíveis em: https://brazil.iom.int/. Acesso em: 1 jun. 2019.

em vista o início das pesquisas sobre este tema –; o Haiti, desde sua fundação como colônia francesa, sempre apresentou a mobilidade e a migração – sendo este deslocamento forçado ou não –, como parte de suas características. Para alguns autores como Handerson e Bersani (2017), a mobilidade é tida como um fenômeno antigo e estrutural no universo haitiano.

O fluxo migratório de haitianos para o Brasil iniciou-se em 2010, motivado por um terremoto[10], ocorrido em janeiro, acentuado por um surto de cólera e pela baixa na produção agrícola, fatores que contribuíram para aumentar o sentimento de insegurança[11] da população haitiana (BAENINGER; PERES, 2017; HANDERSON, 2017; FERNANDES; CASTRO, 2014; TÉLÉMAQUE, 2012; DIEME, 2017). Dessa forma, o cenário conturbado do Haiti, visível através dos problemas políticos e socioeconômicos, aliado à catástrofe gerada pelo terremoto, contribuiu para construir a conjuntura que resultou nos fatores de repulsão (*push factors*) da população haitiana. Os números de haitianos que deixaram o país em busca de melhores condições de vida são imprecisos, estimam-se números que variam entre 350 mil (HANDERSON, 2015) e 3 milhões de pessoas (HATIAN DIÁSPORA, 2011). Devemos ressaltar que, conforme apontaram Vila (1996), Télémaque (2012) e Dieme (2017), a emigração haitiana para o Brasil já ocorria antes do final do século XX, porém, por ser um fluxo pequeno, não chamou a atenção do país emissor nem do receptor. Mesmo considerado desimportante, este fluxo foi capaz de suscitar uma rede migratória.

A imigração haitiana cresceu no decorrer do tempo. Costa (2012) e Silva (2013) apontam que, ao final de 2011, existiam referências da presença de mais de 4.000 haitianos no Brasil. Aqueles que optavam por residir no Brasil precisavam buscar meios de se regularizarem, uma vez que a travessia da fronteira havia sido feita de forma indocumentada, ou seja, sem visto de trabalho ou turista. Diante desta necessidade, "o

[10] O terremoto com magnitude 7.0 na escala Richter deixou quase um milhão de pessoas desabrigadas e mais de 200 mil pessoas mortas.

[11] Rosseto e Gomes (2017) consideram a desigualdade social existente no Haiti como uma das principais causas da emigração dos haitianos, salientando que o coeficiente de desigualdade do país é um dos maiores da América Latina.

meio encontrado para garantir sua permanência e o exercício de direitos em território brasileiro foi através da solicitação de refúgio, procedimento que se tornou padrão entre esses imigrantes" (BANZATTO; NICOLAU, 2018, p. 16). A solicitação de refúgio permitia ao imigrante ter acesso à carteira provisória de estrangeiro, um protocolo com validade de um ano e prorrogável de forma sucessiva até a decisão final do processo.

Os pedidos de refúgio eram regularmente recusados, pois os mesmos se justificavam, em sua maioria, pelas circunstâncias adversas resultantes do terremoto de janeiro de 2010, não estando de acordo com os princípios estabelecidos em lei[12] e convenções internacionais. Entre os anos de 2010 e 2015, os pedidos de refúgio passaram de 966 para 28.670, um aumento de 2.868%, segundo o relatório do Ministério da Justiça e Segurança Pública (BRASIL, 2017).

Diante do impasse legislativo, o aumento[13] considerável de imigrantes haitianos no país e as pressões das organizações da sociedade civil que prestavam auxílio aos imigrantes, em janeiro de 2012, o Conselho Nacional de Imigração (CNIg), comunicou a publicação da Resolução Normativa n. 97, cujo principal objetivo era dispor sobre a concessão do visto permanente a nacionais do Haiti. Esta medida impactou significativamente o tratamento acerca da imigração haitiana, uma vez que modificou a legislação em vigor para os haitianos, prorrogando o prazo de permanência no país em decorrência de razões humanitárias.

> Art. 1º Ao nacional do Haiti poderá ser concedido o visto permanente previsto no art. 16 da Lei nº 6.815, de 19 de agosto de 1980, por razões humanitárias, condicionado ao prazo de 5 (cinco) anos, nos termos do art. 18 da mesma Lei,

[12] De acordo com a legislação brasileira, era identificado como refugiado todo e qualquer indivíduo que "I - devido a fundados temores de perseguição por motivos de raça, religião, nacionalidade, grupo social ou opiniões políticas encontre-se fora de seu país de nacionalidade e não possa ou não queira acolher-se à proteção de tal país; II - não tendo nacionalidade e estando fora do país onde antes teve sua residência habitual, não possa ou não queira regressar a ele, em função das circunstâncias descritas no inciso anterior; III - devido a grave e generalizada violação de direitos humanos, é obrigado a deixar seu país de nacionalidade para buscar refúgio em outro país" (BRASIL, Art. 1, Lei n. 9.474, 1997).

[13] No ano de 2011, segundo o Conselho Nacional de Imigração (CNIg), uma média de cerca de 250 haitianos, por mês, entraram no país. Disponível em: https://portaldeimigracao.mj.gov.br/pt/resolucoes/1711-conselho-nacional-de-imigracao. Acesso em: 10 junho 2019.

> circunstância que constará da Cédula de Identidade do Estrangeiro (BRASIL, 2012, p. 1).

A partir desta resolução também se estabeleceu que a concessão de vistos seria concedida pelo Ministério das Relações Exteriores, por intermédio da Embaixada do Brasil em Porto Príncipe, capital do Haiti. Além disso, estipulou-se o total de até mil e duzentos vistos por ano, correspondendo a uma média de cem concessões por mês (CNIg, 2012). Acreditava-se que essas deliberações colaborariam na organização do fluxo de haitianos, tendo como efeito subsequente a diminuição da imigração irregular promovida em grande escala pelos "coiotes[14]". No decorrer dos meses, a cota mostrou-se insuficiente diante da grande demanda, convertendo-se em um empecilho àqueles que desejavam emigrar para o Brasil (FERNANDES; FARIA, 2017).

Assim, contrariando as expectativas, as novas medidas do governo brasileiro não se mostraram efetivas na prática, principalmente no que se refere ao controle nas cidades fronteiriças.

> [...] as ações do governo acabaram por estimular a migração. Os "coiotes" ampliaram sua atuação, estabelecendo pontos da rede de tráfico por todo o trajeto, incluindo aí Equador e Peru. Isso fez com que o volume de haitianos que chegavam às cidades fronteiriças aumentasse, inclusive por novas rotas, via Argentina, Bolívia e Venezuela (FERNANDES; FARIA, 2017, p. 155).

A investida em se conceber uma política migratória[15] resultou em uma ação deficiente e ambígua, posto que a Resolução Normativa n. 97 não interrompeu a entrada

[14] Os coiotes são conhecidos por serem atravessadores de pessoas de um país para outro. No caso dos haitianos, a viagem para o Brasil poderia custar entre US$3 a US$ 8 mil dólares (Abin, 2015).

[15] Até maio de 2017, a migração internacional no Brasil era regulada por normas legais empreendidas durante o Regime Militar, "[...] nas quais o imigrante era visto como uma ameaça à estabilidade e à coesão social do país, predominando, portanto, o enfoque da segurança nacional, que deveria manter de fora das nossas fronteiras aqueles que pretendiam vir causar desordem em nossas plagas" (OLIVEIRA, 2017, p. 171). A nova Lei de Migração, de n. 13.445/2017, estabelece os direitos e os deveres do imigrante e do visitante no Brasil, bem como regulamenta a entrada e a permanência de estrangeiros e estabelece normas de proteção ao brasileiro no exterior. Devemos salientar que a sanção presidencial ocorreu com veto em vários trechos do texto, mas ainda assim, esta lei é considerada um avanço em vários aspectos, sendo o avanço mais geral a "mudança de enfoque desse novo marco legal das migrações, agora com ênfase na garantia dos direitos das pessoas migrantes, tanto dos estrangeiros que por aqui aportam quanto para os brasileiros que vivem no exterior" (OLIVEIRA, 2017, p. 174).

irregular nem os pedidos de refúgio, apenas apresentou-os a um novo caminho. No período abordado por esta pesquisa (2010-2014) "[...] foram concedidos aproximadamente 52 mil vistos a haitianos, número esse que não expressam a real quantidade de haitianos no Brasil, pois existe uma grande parte de imigrantes em situação irregular conforme as leis brasileiras" (SOUZA; BORTOLOTTO, 2016, p. 4). Estima-se que cerca de 1.500 a 2.000 haitianos vivem no Mato Grosso do Sul, principalmente divididos entre as cidades de Campo Grande, Dourados, Itaquiraí, Naviraí, Nova Andradina e Três Lagoas (JESUS; GOETTERT, 2017). O Estado se tornou uma das principais portas de entrada para imigrantes, uma vez que possui mais de mil quilômetros de fronteira seca com Bolívia e Paraguai. Considerando as reflexões expostas nesse tópico, sobre os haitianos no Brasil, indagamos a seguir como foram representados os haitianos vindos para Dourados nas páginas do jornal *O Progresso*.

O Haiti e os imigrantes haitianos no jornal *O Progresso*

O século XX foi palco de uma verdadeira revolução ao tratarmos do conceito de documento histórico. A utilização de novos documentos, como o jornal impresso, foi viabilizada pelas indagações advindas do movimento iniciado pelos *Annales* e, corroborado, posteriormente pela Nova História (BURKE, 2010; 2011). Aliás, o próprio conceito "documento" (costumeiramente referido ao testemunho escrito) se dilatou, sendo a nomenclatura "fonte histórica" mais utilizada a partir da segunda metade do século XX. As transformações sofridas pela disciplina requisitavam, dentre outras demandas, a ampliação do conceito, permitindo o uso e a análise de outros vestígios humanos que ultrapassassem os documentos oficiais.

O desenvolvimento da historiografia, aliado ao crescimento dos meios de comunicação de massa, permitiu que o jornal deixasse de ser visto apenas como um veículo meramente informativo, responsável pela veiculação de acontecimentos (CAPELATO; PRADO, 1980). A análise dos jornais passou a ser uma importante fonte para evidenciar como a sociedade compreende as práticas políticas, econômicas, sociais e ideológicas nos diferentes setores que constituem uma sociedade, permitindo a

compreensão do contexto, revelado através das variadas abordagens e culminando, por consequência, em múltiplas representações. Assim, "a imprensa tornou-se uma fonte rica e diversificada de conhecimentos, não apenas para construção de uma história da imprensa, mas abrindo a historiografia para outras possibilidades de estudo fugindo assim da historiografia tradicional" (KRENISKI; AGUIAR, 2011, p. 3).

O conceito representação é frequente nas pesquisas que contemplam fontes impressas, como o jornal, e tem sido constantemente citado na historiografia brasileira nas últimas décadas. Como apontado por Santos (2011) e Coelho (2014), o debate sobre o conceito representação é amplo e autores tem o abordado com perspectivas distintas, de acordo com sua área e seu campo de pesquisa. Para a realização desta pesquisa, nos enveredamos na teoria do historiador Roger Chartier, pelo viés da história cultural. Para Chartier, objetivo da história cultural é "identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade cultural é construída, pensada, dada a ler" (1990, p. 17). As representações, na perspectiva de Chartier, mostram uma possibilidade dupla de sentido. A primeira viabiliza a percepção da ausência, na qual a representação seria um "instrumento de um conhecimento mediato que faz ver um objeto ausente através da sua substituição por uma imagem capaz de o reconstituir em memória e de o figurar tal como ele é". Por outro lado, a representação exibe uma presença, como a apresentação pública de algo ou alguém (CHARTIER, 1990, p. 20).

O jornal é um espaço significativo em que as representações do mundo social são construídas pelos diversos grupos sociais a partir de seus interesses. Isto posto, acreditamos que "a escolha de um jornal como objeto de estudo justifica-se por entender-se a imprensa fundamentalmente como instrumento de manipulação de interesses e de intervenção na vida social" (CAPELATO; PRADO, 1980, p. 19). Assim, o conceito representação, pensado a partir das ideias de Roger Chartier, colabora para a análise dos discursos produzidos pelo jornal *O Progresso*, uma vez que, nos leva a refletir sobre como os haitianos são "representados" e "dados a ler", através das páginas do seu jornal.

As atividades do jornal *O Progresso* foram iniciadas ainda nas primeiras décadas do século XX, mais precisamente em 1920, pelo advogado José dos Passos Rangel Torres na cidade de Ponta Porã. Após três décadas de pausa, *O Progresso* voltou a circular em 1951, já na cidade de Dourados sob o comando do seu filho Weimar Gonçalves Torres. Após a morte de Weimar em 1969, a direção do periódico ficou a cargo do seu sogro Wlademiro do Amaral. Durante sua gestão, Wlademiro buscou modernizar o jornal para competir no mercado local, assim, uma das suas principais iniciativas foi transformar *O Progresso* em um jornal diário[16], concorrendo diretamente com a *Folha de Dourados*, o primeiro periódico de Dourados a imprimir edições diárias (SCHWENGBER, 2005). Em 1985, Adiles do Amaral, viúva de Weimar, assume o cargo de Diretora-presidente do jornal. Atualmente, Adiles compartilha a gestão do jornal com suas filhas Blanche e June Torres.

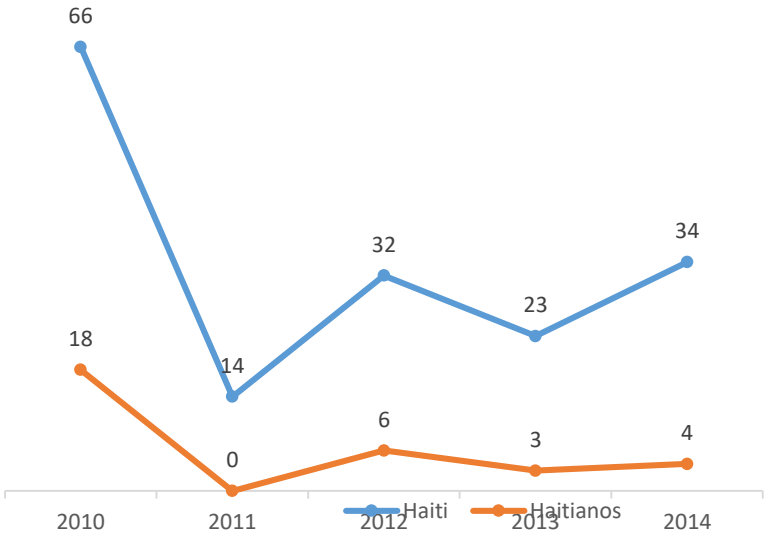
A partir de janeiro de 2019, *O Progresso* deixou de ser impresso aos finais de semana com o objetivo de conter gastos. Em setembro do mesmo ano, a direção do jornal anunciou que a versão impressa deixaria de ser comercializada para que a versão *on-line* ganhasse mais visibilidade. Essa decisão, no entanto, não perdurou mais do que 4 meses e, em fevereiro de 2020 a versão impressa voltou a circular de forma semanal e gratuita. Salientamos que, durante as décadas em que foi comercializado, o periódico se consolidou como a mídia impressa de maior circulação na cidade de Dourados, com uma tiragem diária[17] média de 8.800 exemplares. A produção d' *O Progresso*, desde sua fundação nos anos de 1920 (Ponta Porã/MS) quanto em sua *refundação* na década de 1950 (Dourados/MS), esteve ligada a grupos políticos (com perfil conservador e de direita), de acordo com os contextos e com as filiações de seus colaboradores. Isto é, o periódico, no jogo político, participou das articulações e recorrentemente expressou opiniões sobre assuntos que interessavam ao seu público.

[16] Até 1976 as edições d'*O Progresso* eram semanárias.
[17] As edições de sábado e domingo são condensadas em apenas um exemplar.

Analisamos as representações contidas nos textos jornalísticos durante o período de janeiro de 2010 a dezembro de 2014[18]. Durante o recorte temporal escolhido para a pesquisa, verificamos que o veículo publicou matérias, notas editoriais, reportagens – incluindo matéria de capa –, e artigos relacionados aos haitianos. Como ponto de partida, nos dedicamos a contabilizar o número de textos que abordavam, de alguma maneira, o Haiti e os haitianos; em seguida buscamos averiguar os atores relacionados ao grupo em questão e de que maneira o jornal representou estes imigrantes – priorizando apenas a perspectiva econômica ou destacando-os como sujeitos munidos com suas próprias práticas culturais, políticas e ideológicas.

O gráfico 1 mostra o número de textos jornalísticos por ano que continham a palavra "Haiti" e/ou "haitianos". Observou-se que o ano de 2010 representa 42% do número total. Esse número vai de encontro com a grande repercussão gerada em torno do Haiti em razão do terremoto que devastou a região da capital Porto Príncipe e a cidade de Jacmel, no sul do país em 12 de janeiro de 2010.

Gráfico 1 – Número de textos jornalísticos contendo a palavra Haiti e/ou Haitianos entre 2010 e 2014



Organização: Paula Yuri Shimonishi Lardo (2019)

[18] A análise foi possibilitada através do Centro de Documentação Regional (CDR), da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), laboratório que digitalizou o jornal em questão.

O primeiro texto jornalístico de 2010 no jornal *O Progresso* referindo-se ao Haiti foi publicado em 14 de janeiro, dois dias após o terremoto; a capa do jornal chama atenção por destacar a morte de 12 brasileiros frente ao número de haitianos mortos e/ou desaparecidos.

Figura 1 – Capa do jornal O Progresso retratando o terremoto no Haiti em janeiro de 2010.



O PROGRESSO

PENSAMENTO E AÇÃO POR UMA VIDA MELHOR

ANO 59 Nº 10.815 — DOURADOS/MS QUINTA-FEIRA 14/01 de 2010 — R$ 1,50

Jorge Cruz/Associated Press/AE

Terremoto mata Zilda Arns e 11 militares

Número de mortos no Haiti pode passar de 100 mil

Porto Príncipe foi destruída pelo terremoto na terça-feira; médica Zilda Arns (detalhe) foi uma das vítimas

Fonte: *O Progresso* – Terremoto mata Zilda Arns e 11 militares. Dourados – MS, 14/01/2010, p. 1.

Nesta edição do jornal, o Haiti é apontado, insistentemente, como o país mais pobre do hemisfério sul, o que justificaria o sentimento de comoção mundial em torno da tragédia e a mobilização de vários países, incluindo o Brasil, para ajudar as vítimas. Outro elemento muito presente era uma perceptível preocupação em relação aos militares brasileiros e suas condições no referido país, fato abordado em diferentes momentos e espaços do jornal. O editorial do dia também foi destinado ao Haiti e foi intitulado "Comoção Mundial". Constatou-se que embora realmente houvesse uma preocupação e se reconhecesse a urgência com a qual aquela situação deveria ser tratada, havia também duras críticas ao governo do então presidente Luiz Inácio Lula da Silva por "priorizar" o Haiti.

> [...]. As principais potências econômicas mundiais iniciaram ontem mesmo a mobilização não apenas para enviar medicamentos e alimentos ao Haiti, mas, também, para fazer com que equipes de resgate cheguem o mais rápido possível às localidades onde a destruição foi mais acentuada, já que a força de paz que a Organização das Nações Unidas (ONU) mantinha no país, e que está sob o comando do Brasil, está preparada apenas para manter a segurança pública. **Talvez por isso, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva tenha demonstrado ontem a rapidez que não demonstrou quando deslizamentos mataram mais de 50 brasileiros** em Angra dos Reis, reunindo-se com os ministros Nelson Jobim (Defesa) e Celso Amorim (Relações Exteriores) para definir um plano de socorro ao Haiti. Ajudar as vítimas de uma catástrofe tão gigantesca quanto a que atingiu o Haiti é nobre, **mas o mesmo governo que demora até dois anos para liberar recursos para municípios atingidos por enchentes ou estiagem prolongada, já anunciou que os US$ 15 milhões do orçamento do Ministério das Relações Exteriores para ajuda humanitária em 2010** serão canalizados imediatamente para o socorro às vítimas (TERREMOTO MATA ZILDA..., 2010, p. 2, grifo nosso).

Diante disso, ressaltamos que ao analisarmos os jornais devemos considerar que não existe neutralidade[19] no jornalismo, uma vez que se refere a uma atividade de caráter

[19] No caso d'O Progresso a ligação entre o jornal e a classe política douradense se estabeleceu no momento de sua fundação. Segundo Schwengber (2005, p. 49) a veiculação do jornal em Dourados tinha como principal motivo o interesse político de Weimar G. Torres. A autora ressalta que Weimar "era um ativo militante político do Partido Social Democrático – PSD [...] e que *O Progresso* surgiu exatamente no início do primeiro cargo eletivo de Weimar, o que sugere que suas pretensões com o jornal eram muito mais políticas e eleitorais do que financeiras ou jornalísticas".

político-ideológico influenciada tanto pelo meio social quanto pelo meio político, econômico e cultural. Por este prisma, podemos dizer que a mídia jornalística – através da seleção das fontes e dos conteúdos que serão destaques –, determina quais atores serão representados na esfera pública bem como o que será dito e a forma como algo será dito a respeito deles (DIJK, 2012). As tarefas principais do pesquisador é entender o periódico em seu contexto, e os interesses em jogo na sua produção e publicização.

Nos diferentes textos jornalísticos d'*O Progresso*, percebemos que o foco era o Haiti, enquanto país, e não os haitianos, haja vista que durante estes quatro anos a palavra "Haiti" apareceu 837 vezes enquanto a palavra "haitiano(s)" somente 119. Assim, em um primeiro momento, a imagem dos haitianos perpassa pela imagem construída historicamente do seu país, sendo eles representados como vítimas; não somente das catástrofes naturais, mas principalmente das dificuldades socioeconômicas que aliadas às ocupações militares, modificaram o espaço original desta população.

Isto posto, os meses que seguiram o terremoto apresentavam, inicialmente, uma população que precisava de ajuda, posta em destaque através de falas, como: "Quero ir, não importa para onde. Não há mais o que fazer no Haiti" (EUA CONTROLAM AEROPORTO..., 2010, p. 7); "[...] A ideia é reduzir a confusão em torno da busca por comida que se forma em volta de caminhões que transportam alimentos" (MAIS DE 500 MIL..., 2010, p. 7); "Bem antes do terremoto, o Brasil já mantinha tropas no miserável Haiti [...]" (PRESIDENTE DO HAITI, 2010, p. 2, grifo nosso). Os títulos dos textos também contribuíam para a construção do estereótipo do "país miserável": "Haiti, tem o mais baixo IDH (índice de Desenvolvimento Humano) do mundo" (ABISMO SOCIAL AINDA..., 2010, p. 19), "Tráfico de crianças haitianas" (TRÁFICO DE CRIANÇAS, 2010, p. 7).

A representação da vítima, legitimada nos textos reproduzidos nos cadernos "Brasil/Mundo", "Política" e "Dia-a-dia" ou na coluna "Opinião", se transforma quando os haitianos se tornam imigrantes. Percebe-se, assim, uma ênfase negativa na cobertura sobre os primeiros indícios de haitianos no estado de Mato Grosso do Sul. A matéria abaixo, no caderno "Polícia" (HAITIANOS DEVEM SER..., 2010) pode ser considerada um exemplo de que as questões relacionadas aos imigrantes – advindos de países pobres –,

dividem o espaço nos jornais com notícias que tratam de segurança, deixando implícito que estas pessoas trazem riscos à comunidade local, uma vez que, a foto da prisão desse grupo de haitianos está logo ao lado da manchete que trata da segurança da cidade de Dourados. Além disso, é relevante pontuarmos que o uso de palavras como "flagrante" e "deportação", tanto fomentam uma possível associação do imigrante com o crime, como "[...] joga o imigrante para o campo da desterritorialização, em um processo marcado pela falta de integração, que remete à alienação em tempos de mobilidade global" (LIMA; ÁVILA; SILVA, 2017, p.67).

Figura 2 – A questão migratória no caderno policial.



2 Polícia Polícia Polícia Polícia **Polícia** Polícia Polícia Polícia Polícia E1

Dourados, Mato Grosso do Sul, sexta-feira, 19 de março de 2010

O PROGRESSO

Preocupação

Sem delegado polícia para, diz Marçal

Preocupado com a segurança de Dourados, deputado lamentou as perdas e defendeu melhor reposição

Divulgação

Marçal Filho lamenta perdas de delegados e defende a categoria na Câmara Federal

DOURADOS – Ao tomar conhecimento de que a polícia de Dourados havia sofrido a perda de nove delegados num período de dois anos, o deputado federal Marçal Filho lamentou a redução no quadro e se mostrou bastante preocupado com a segurança de Dourados.

Ainda em Brasília-DF, o parlamentar entrou em contato com alguns delegados para governador André Puccinelli e sei que ele atenderá as reivindicações de Dourados", declarou o deputado, que já tem defendido a categoria na luta pela aprovação da Proposta de Emenda Constitucional de número 549/06, mas conhecida como a PEC dos Delegados.

A PEC 549 determina que o

Marçal luta pela aprovação da PEC dos Delegados e pela PEC 300

também reforça a inclusão dos delegados entre os servidores públicos remunerados exclusivamente por subsídio fixado em parcela única, proibido o acréscimo de gratificação, adicional, abono, prêmio ou qualquer outro tipo de remuneração. E também prevê o provimento derivado.

O deputado

do Estado tem trabalhado muito pela segurança pública no Estado, mas uma cidade de tamanha importância precisa de mais investimentos, nessa área, como aumento do efetivo policial, delegados e também a criação de delegacias especializadas", enfatizou Marçal.

Considerando que a segurança é uma das maiores preocupações da população douradense e uma das prioridades de seu mandato, Marçal Filho, tem se posicionado à favor da redução da menoridade penal, para 16 anos, na Câmara Federal. "É um tema bastante polêmico, mas o parlamento precisa estar em sintonia com a sociedade, que já não suporta mais tragédias e outras barbáries cometidas por adolescentes", ressaltou o deputado.

Marçal ainda encampou a luta pela PEC 300/446, que prevê um piso nacional unificado para policiais civis, militares e bombeiros. Outra bandeira do deputado é a PEC 308/2006 que cuida da carreira dos agentes penitenciários e dá poder de polícia à eles transformando-os em Polícia Penal.

"Vou continuar trabalhando na Câmara Federal para a aprovação de todas essas

Entrada ilegal

Haitianos devem ser deportados em três dias

PRF

Seis dos 14 haitianos foram flagrados em Miranda

MIRANDA – O grupo de 14 haitianos que entrou ilegalmente no Brasil na quarta e madrugada de ontem deve ser deportado num prazo máximo de até três dias. Os haitianos foram flagrados em Miranda e Corumbá, em uma viagem que começou após o terremoto no Haiti, em janeiro. Eles passaram pela República Dominicana, Panamá, Peru e Bolívia, antes de chegar ao Brasil.

oportunidades de trabalho, mas há uma lei e ela precisa ser cumprida", afirmou Favaro.

Na manhã de quarta-feira, a equipe do Portal TV Morena esteve no local e encontrou com os haitianos no Cetremi, que aguardam a chegada da PRF para o procedimento de deportação. Todos estavam na sala de coordenação de Cetremi e pareciam assustados e nervosos com a movimentação.

Uma das haitianas, iden-

Fonte: *O Progresso* – Haitianos devem ser deportados em três dias. Dourados – MS, 19/03/2010, p. 14.

O ano de 2010 marcou o início de um fluxo relevante de haitianos para o Brasil; fluxo este que se estabeleceu durante os quatro anos subsequentes e atualmente é uma realidade. A consolidação do Brasil enquanto país de destino também pode ser constatada nas páginas do jornal *O Progresso*. No decorrer dos anos, os textos sobre os haitianos deixaram de figurar no caderno "Polícia" e passaram a integrar os cadernos "Brasil", "Dia-a-dia", "Política" e "Cidades" assinalando este novo contexto.

Ainda que agora fizessem parte do cenário brasileiro, em matérias como: "Haitianos entram ilegalmente pela fronteira com a Bolívia" (HAITIANOS ENTRAM ILEGALMENTE..., 2012, p. 7), o imigrante é retratado como um problema social. No corpo do texto se lê que o então Ministro das Relações Exteriores Antônio Patriota "[...] afastou a possibilidade de o governo ampliar o número de vistos concedidos aos haitianos. Com isso, o governo brasileiro pretende coibir a ação do crime organizado que, segundo ele, tira proveito dessas migrações" (HAITIANOS ENTRAM ILEGALMENTE..., 2012, p. 7, grifo nosso). A associação da imagem do imigrante com a "ilegalidade" e com o crime fundamenta os discursos proferidos em favor da defesa do território e das fronteiras. Nessa direção, a entrada dos imigrantes haitianos foi noticiada várias vezes, sempre com ar de preocupação e atrelada a ideia de crise, como em: "Senegaleses se juntam a haitianos à espera de visto na fronteira do Acre: A situação na fronteira do Acre se agravou nos últimos dois anos depois do terremoto que destruiu o Haiti" (SENEGALESES SE JUNTAM..., 2013, p. 7). A representação dos haitianos, por vezes, associada ao crime organizado, contribuía para criar uma atmosfera de que os territórios/cidades que recebiam os imigrantes poderiam estar correndo riscos de segurança. Isto é, o "Outro", aquele que vinha de um país miserável, não era confiável.

Dentre os estados brasileiros, o Acre se consolidou como uma das portas de entrada mais acessadas por esses imigrantes e, consequentemente, como um motivo de preocupação. Na matéria "Seis mil haitianos entraram no Brasil de forma irregular este ano" (SEIS MIL HAITIANOS..., 2013, p. 7), mais uma vez a imagem do imigrante é atrelada a ideia de "disfunção" social. Assim, percebe-se uma ênfase de cobertura sobre os efeitos negativos que a migração causa ao local em que os mesmos se estabelecem. Dessa forma, as complicações causadas pelos migrantes são postas em destaque no decorrer do texto, como lê-se a seguir:

> [...]. No mês passado, para compensar a sobrecarga no atendimento de saúde em razão do grande fluxo migratório de haitianos em Brasileia, o Ministério da Saúde destinou R$ 56 mil ao município, por meio do Piso de Atenção Básica. O crescimento da migração também levou o governo do Acre a decretar estado de

> **emergência social** em Brasileia em abril deste ano (SEIS MIL HAITIANOS..., 2013, p. 7, grifo nosso).

No caso do Mato Grosso do Sul, a atenção estava voltada para Corumbá – cidade fronteira com a Bolívia –, como pode ser observado nas matérias veiculadas (Figuras 3 e 4), respectivamente, nos cadernos "Brasil" e "Dia-a-Dia", indo ao encontro com os apontamentos de Jesus (2016), Nicolau (2016) e Banzatto & Nicolau (2017).

Figura 3 – A preocupação com a fronteira



Haitianos entram ilegalmente pela fronteira com a Bolívia

Marcello Casar Jr – ABr

Marcos Chagas

Brasília - Em 20 dias, quadruplicou o número de haitianos que atravessaram ilegalmente a fronteira entre a Bolívia e o Brasil pelo Acre. Eles aguardam em Brasileia autorização do governo federal para que possam se estabelecer permanentemente no país em busca de emprego. No dia 19 de agosto, a reportagem da Agência Brasil esteve na cidade acriana, onde visitou o casarão de cinco cômodos onde 35 haitianos foram abrigados.

Haitianos entram no Brasil pela fronteira com a Bolívia

Ontem, o representante do governo do Acre na cidade, Damião Borges, informou que 182 já recebem assistência humanitária. Eles recebem três refeições e 7 mil litros de água potável por dia. O ministro das Relações Exteriores, Antonio Patriota, participou de audiência pública na Câmara dos Deputados na semana passada, quando afastou a possibilidade de o governo ampliar o número de vistos concedidos aos haitianos. Com isso, o governo brasileiro pretende coibir a ação do crime organizado que, segundo ele, tira proveito dessas migrações. O secretário de Justiça do Acre, Nilson Mourão, disse que já comunicou o problema às autoridades do Ministério da Justiça. "Aguardo agora um comunicado deles [governo federal]. Se forem enviar essas pessoas de volta ao Haiti, o problema é deles mas, da nossa parte [governo do Acre], continuaremos dando suporte humanitário". Damião Borges, por sua vez, disse que não há como impedir a entrada dessas pessoas em Brasileia dada a grande extensão de fronteira e ao pouco policiamento. Os 96 haitianos que estavam em situação precária em Iñapari, no Peru, foram todos para Brasileia. Por outro lado, os coiotes – pessoas que oferecem pacotes de viagem para a entrada ilegal no país – continuam a utilizar a rota pela cidade boliviana de Ibéria, onde caminham oito quilômetros pela mata amazônica até a estrada para Cobija. Quando chegam à cidade, na divisa com Brasileia, ou atravessam as duas pontes que separam a Bolívia do Brasil ou atravessam o Rio Acre. O representante do governo do Acre em Brasileia disse ainda que o governo peruano decidiu fortalecer o policiamento de fronteira e expulsar os haitianos que já estavam no país. "Ao que me consta, eles também vão aumentar a fiscalização na fronteira com o Equador [país fundamental nas rotas dos coiotes, no processo migratório do Haiti para o Brasil]". *(Agência Brasil)*

Riscos de acidentes

Brasília – Um ano e -geral da Agência Internacional de Energia Atômica, Yukiya Amano, disse ontem liarão as medidas adotadas após as explosões e os vazamentos ocorridos na usina.

ao alcance humano em todo o mundo e para restaurar a confiança do público", disse o diretor-geral da Aiea, na reunião de governadores da agência, em Viena, na Áustria. *(Agência Brasil)*

Conferência sobre segurança

Brasília - Amano disse que foi feita uma revisão sistemática dos padrões de segurança da Aiea para analisar as lições obtidas a partir dos acidentes no Japão e o que deve ser feito para evitá-los. Segundo ele, as medidas se baseiam em aumentar a segurança dos reatores e dos reservatórios de combustíveis, assim como a transparência na área de comunicação.

Em julho de 2013, a agência promoverá a Conferência Internacional sobre Segurança Nuclear. Em 11 de março de 2011, um terremoto seguido de tsunami provocou uma série de explosões e vazamentos na Usina de Fukushima. Os acidentes nucleares levaram ao isolamento da área e à proibição da venda e do consumo de produtos da região. *(Agência Brasil)*

Mudanças climáticas

Brasília – O diretor-geral da Agência Internacional de Energia Atômica (Aiea), Yukiya Amano, ressaltou ontem que o órgão vai trabalhar em parceria com a Coordenação Internacional de Meio Ambiente, da Organização das Nações Unidas (ONU), em busca de soluções para os impactos causados pelas mudanças climáticas no

junho, no Rio de Janeiro.

"É uma resposta à preocupação crescente entre os estados-membros sobre a mudança climática, incluindo a ameaça aos oceanos devido ao aumento da captação de dióxido de carbono", disse Amano, na abertura da reunião de governadores, em Viena, na Áustria.

Produção de alimentos

Brasília - O diretor-geral acrescentou que há também uma ação conjunta da Aiea com a Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO). Amano disse que no mês passado encontrou-se com o diretor-geral da FAO, José Graziano, em busca de soluções para eventuais problemas que ocorram no mundo.

Segundo Amano, a Aiea pode colaborar com a FAO em medidas para a proteção de alimentos, produção e segurança. "Em um mundo em que quase 1 bilhão de pessoas não têm o suficiente para comer, os preços dos alimentos e a mudança climática da pobreza, além do aumento da fome, os desafios são realmente enormes", disse durante discurso. *(Agência Brasil).*

Ataques a ciganos

Brasília – A alta comissária da Organização das Nações Unidas (ONU) para os Direitos Humanos, Navi Pillay, disse ontem estar "preocupada" com os recentes ataques a acampamentos de ciganos romenos e búlgaros

vulneráveis.

O assunto é tema da reunião do conselho, em Genebra, na Suíça. Ela elogiou as medidas recentes do governo do presidente da França, François Hollande, como o fim do imposto pago pelo empregador búlgaro ou romeno ao Gabinete Francês da Imigração e Integração. Mas considerou que são necessários "esforços suplementares" na integração destas pessoas. "Devem ser feitos esforços suplementares para remediar [as consequências dos ataques] no quadro da estratégia nacional para a integração dos ciganos e em plena conformidade com as normas internacionais relativas aos direitos humanos", disse a alta comissária. *(Agência Brasil com informações da agência pública de notícias de Portugal, Lusa)*

Situação de imigrantes

Brasília - O alerta de Pillay ocorre no momento em que os ministros dos Assuntos Europeus da França, Bernard Cazeneuve, e do Interior, Manuel Valls, vão à Romênia conversar sobre a situação de imigrantes. A reunião ocorre na próxima sexta-feira (14).

Nas últimas semanas, centenas de ciganos romenos e búlgaros foram retirados pelas autoridades francesas dos acampamentos clandestinos em que viviam sob protestos de entidades de defesa dos direitos humanos. A organização não governamental (ONG) Coletivo dos Direitos do Homem Romeurope diz que cerca de 15 mil a 20 mil ciganos

Fonte: *O Progresso* – Haitianos entram ilegalmente pela fronteira com a Bolívia. Dourados – MS, 27/01/2012, p. 7.

Figura 4 – Imigrantes detidos pela polícia



DIVULGAÇÃO

Imigrantes entram ilegalmente no país, geralmente por Corumbá, através da Bolívia

Imigrantes continuam entrando por Corumbá

PM apreende S10 com mais de uma tonelada de droga

De Dourados

Uma camionete S10, lotada com mais de uma tonelada de maconha, foi apreendida pela Polícia Militar na madrugada de ontem, em Campo Grande. Dois homens que estavam no veículo foram presos pelo crime de tráfico de drogas.

Os policiais militares do 1º Batalhão da Polícia Militar e da Rotac, suspeitaram da S-10 quando estavam atendendo uma ocorrência de roubo próximo ao lixão de Campo

A cocaína estava acondicionada no interior de novelos de linha para enganar os policiais; o truque não funcionou

Grande. Ao tentar abordar o condutor do veículo, ele empreendeu fuga junto com o passageiro. A equipe policial perseguiu os traficantes por vários bairros da Capital, capturando os fugitivos depois que o condutor da caminhonete não conseguiu fazer uma

dida em 1.409 tabletes.

No veículo, os policiais também encontraram um rádio que copiava a frequência da PM, o que dificultava a abordagem do veículo durante a perseguição. Os ocupantes do veículo, dois homens, contaram que trouxeram a droga de Ponta-Porã. Eles foram presos em flagrante pelo crime de tráfico de drogas.

Cocaína

Já a Polícia Rodoviária Federal (PRF), apreendeu 20kg de cocaína que estavam escondidos em novelos de linha, que eram levados no bagageiro de dois ônibus, um de origem brasileira e outro, boliviana.

Os ônibus foram abordados na BR-262, na região de Porto Morrinho, próximo à ponte sobre o Rio Paraguai, distante 70 quilômetros de Corumbá.

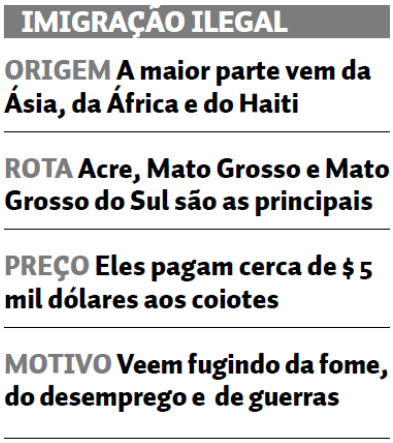
No veículo brasileiro, de itinerário Corumbá-Campo Grande, a PRF encontrou no bagageiro externo oito carretéis de barbante, que acondicionavam mais de cinco quilos de cocaína.

Na mesma data e horário,

Fonte: *O Progresso* – Imigrantes continuam entrando por Corumbá. Dourados – MS, 11/06/2013, p.23.

O texto que compõe a matéria da figura 4 nos leva a refletir sobre mais alguns elementos importantes quando abordamos as representações face ao imigrante haitiano. Como mencionado, as causas, assim como os caminhos da imigração de haitianos para Brasil são múltiplas; dentre esses caminhos existem aqueles mediados pelos conhecidos "coiotes". Segundo a Agência Brasileira de Inteligência (Abin, 2015), a "rede de coiotes" faturou cerca de R$185 milhões entre os anos de 2010 e 2014, prometendo – entre outras coisas – empregos com salários que poderiam chegar a US$ 2 mil (PATARRA, 2012). A matéria em questão associa os imigrantes ao tema da clandestinidade, porém o conteúdo apresenta uma interpretação superficial do fenômeno da migração, conduzindo o leitor a conclusões simplistas, como explicita o trecho: "os imigrantes estão sendo atraídos pelo bom momento do Brasil e pelos grandes eventos internacionais que o país vai sediar" (IMIGRANTES CONTINUAM ENTRANDO..., 2013, p. 23). Estas conclusões são validadas através do quadro exibido no texto.

Figura 5 – Quadro explicativo sobre imigração ilegal.



Fonte: *O Progresso* – Imigração Ilegal. Dourados – MS, – 11/06/2013, p.23.

Além disso, a trama que envolve os "coiotes", está relacionada com a questão do trabalho. Apesar de não ser o único impulsionador, a imigração de haitianos para o Brasil é fortemente vinculada ao trabalho: "[...] tanto na ótica dos representantes das instituições públicas envolvidas no acolhimento de imigrantes, como na de pesquisadores sobre o tema, que lograram recolher informações junto aos haitianos" (DIEME, 2017, p. 37). Textos com o teor – " [...] Empresas do Sul e Sudeste já contrataram boa parte dos 215 haitianos legalizados pela Polícia Federal em setembro [...]" (SUL E SUDESTE CONTRATAM..., 04 out., 2012, p. 7); "[...] Em duas semanas, 214 haitianos e seis senegaleses vão integrar o novo quadro de funcionários das unidades em Maringá e em Paranavaí [...]"; e "[...] Em Ivinhema, um grupo de 12 haitianos trabalhou na construção de uma usina sucroenergética, inaugurada esse ano" (IMPORTAÇÃO, 15/16 jun., 2013, p. 4)[20] –, corroboram para sustentar este pensamento, sem se aprofundar em temas pertinentes como: cidadania, política migratória brasileira e políticas de acolhimento.

Outro aspecto para se ponderar está associado às matérias que conectam o Haiti ao trabalho de pessoas escravizadas, como em: "[...] enquanto o Haiti aparece em segundo lugar com 237.700 [...] pessoas escravizadas no trabalho [...]" (EXPLORAÇÃO CRIMINOSA, 12 dez., 2014, p.2); e "No Haiti, 300.00 crianças são mantidas em regime de

[20] Edição que contempla sábado e domingo.

escravidão" (O MATO GROSSO DO SUL..., 2011, p. 2). Genéricos, em sua maioria, tais textos difundem a ideia de que estar no Brasil, em qualquer circunstância, seria melhor do que no Haiti. A exploração, por parte da mídia, de situações de extrema dificuldade socioeconômica acarreta na desvalorização da oferta de trabalho e, por consequência, no valor do salário proposto a esses migrantes (TÉLÉMAQUE, 2012). Ou seja, é melhor ter um emprego e ser explorado no Brasil do que em seu país de origem, estereotipado como miserável e limitador de oportunidades.

Constatou-se através das publicações que o jornal (e seus respectivos jornalistas) não ouviu, em nenhum momento, uma fonte direta entre os imigrantes haitianos para compreensão do fenômeno migratório e/ou até mesmo para esclarecimentos sobre eventuais dúvidas sobre os estrangeiros. Os textos foram produzidos a partir da perspectiva de outros atores, o que, consequentemente, torna o sujeito imigrante em um "ser invisível", apartando-o do direito de ser o protagonista de sua própria história. Em muitos casos, para o jornalismo sensacionalista, os fluxos migratórios e os sujeitos são espetacularizados, transformados em aberrações que trazem consigo tensões sociais e tiram a "paz" dos países.

Ao analisarmos os textos (que tratam a migração haitiana para o Brasil) publicados nas edições do jornal *O Progresso*, entre os anos de 2010 e 2014, apontamos dois atores presentes nos textos e atrelados ao contexto: o povo brasileiro e o governo brasileiro – na figura dos presidentes Lula e Dilma Rousseff. As representações sobre o povo brasileiro atribuíam a ele o papel do "bom samaritano". Observamos que no período analisado houve a necessidade de se evidenciar a "bondade" e a solidariedade do povo brasileiro, agregando a ele um elemento distintivo. Em diversas oportunidades, os conteúdos que versavam o Haiti e os haitianos traziam em seguida artigos, notas ou matérias que expressavam a "bondade" do brasileiro, como: "Uma tragédia como a do Haiti desperta o melhor em nós. A compaixão, a solidariedade, o amor por desconhecidos. São sentimentos comuns em missionários como Zilda Arns" (UMA CALAMIDADE MORAL..., 2010, p. 18); "Caixa lança campanha para ajudar as vítimas no Haiti" (CAIXA LANÇA CAMPANHA..., 2010, p. 7); "Regras para adoção de crianças haitianas" (REGRAS PARA

ADOÇÃO..., 2010, p. 7). Até mesmo na coluna "Polícia", uma nota no campo solidariedade trazia: "PRF e ONGS promovem passeio com grupo de haitianos" (O PROGRESSO, 2010, p.16). Para Dieme (2017, p.35) ao mostrarmos "a imagem de uma imigração de 'miseráveis' [...] apresentamos um Brasil que estaria acolhendo 'a miséria alheia'". A necessidade em evidenciar a bondade do povo brasileiro diante dos estrangeiros miseráveis tinha suas limitações, pois frequentemente, como refletimos, o imigrante era associado ao crime e a ilegalidade.

Ainda com relação a esse sentimento de altruísmo, as matérias que discorriam sobre a participação militar do Brasil no Haiti caminhavam por dois sentidos. Se por um lado exaltava-se o esforço, a dedicação e o profissionalismo dos militares brasileiros, como em: "Militares do MS treinam para ir para o Haiti" (517 MILITARES DE MS..., 2010, p. 15), "Militares do MS embarcam para o Haiti (MILITARES EMBARCAM PARA..., 2010, p. 16), "Militares da força de paz recebem homenagem" (MILITARES DA FORÇA..., 2010, p. 14); por outro se atacava o governo federal com relação aos custos e resultados obtidos até então com o envio das tropas brasileiras, bem como responsabilizava-o em situações adversas – como a do terremoto – "Mais um militar morto" (MAIS UM MILITAR MORTO, 2010, p. 07).

O período analisado correspondeu ao último ano do governo Lula e ao primeiro mandato de Dilma Rousseff. Nos textos publicados, o governo brasileiro era acusado constantemente de priorizar o Haiti frente ao Brasil, o que torna o discurso do periódico contraditório, pois a solidariedade deveria ficar a cargo somente da população. Em editorial, no dia 1º de fevereiro de 2010, Lula foi apontado como "Presidente Haitiano".

> [...] Como toda tragédia, a do Haiti serve para que várias lições sejam extraídas. **O Brasil, por exemplo, passou a perceber um presidente da República agindo, como se fosse presidente do Haiti e não do nosso país**, o que teria causado, inclusive, uma disputa pelo controle da situação entre Brasil e Estados Unidos. Nem mesmo o presidente de fato do Haiti, René Préval, está aparecendo tanto quanto o brasileiro Lula. [...]. **Este editorial não insinua que o Brasil não deva prestar socorros emergentes a países que sofrem como o Haiti**, onde não resta para muita gente nem mesmo a expectativa de vida. **O Brasil, deve sim, ser solidário** e o presidente da República Luiz Inácio Lula da Silva ser generoso, **porém sem se esquecer que primeiramente os olhos devem estar sempre**

> **voltados ao País que ele governa** (PRESIDENTE HAITIANO, 2010, p. 2, grifo nosso).

A atmosfera de incerteza quanto ao futuro do país, já instaurado em decorrência do processo eleitoral[21], era reforçado através de títulos como – "O Brasil que Lula está nos deixando[22]" (O BRASIL QUE..., 2010, p. 2) –, semeando a dúvida em relação a qual país precisava de ajuda, uma vez que "nos dias atuais, já contando com os 8 anos de Lula da Silva a taxa de analfabetismo é de 20%, colocando o Brasil atrás de Ruanda, Uganda e Haiti, este último com todos os castigos dos desastres naturais". Com a política da então sucessora presidencial, Dilma Rousseff, que acenava para a cooperação com o Haiti[23], as críticas e as cobranças persistiram. No caderno "Dia-a-Dia", uma nota escrita por Sergio Nocera Filho[24], intitulada "Populismo na República das bananas" abordava, dentre outros temas, o "assistencialismo" prestado ao Haiti, concluindo que esta ação é para países ricos:

> **Assistencialismo é para países, nos quais, a população, na sua maioria, tem qualidade de vida em alto patamar**, a exemplo da Suécia, Japão, Alemanha, Finlândia, Canadá entre outros poucos da elite. A China está financiando o desenvolvimento de países africanos aproveitando-se da miséria e corrupção para surrupiar recursos naturais. Também sou desfavorável a esse modelo. **Ajudar ao Haiti enviando tropas e alimentos foi justo e útil uma vez que a situação é lamentável**, assim como em alguns países africanos, **no entanto temos primeiro que resolver nossas deficiências que são gritantes. Analogicamente o que ocorre em muitos lares brasileiros. O indivíduo não tem estudo, não tem moradia própria, plano de saúde, más "fica montado" em automóvel importado de 100 mil reais acima. É a famosa "Alice no país das maravilhas"** (ASSISTENCIALISMO É PARA OS RICOS..., 2014, p. 2, grifo nosso).

Mais uma vez, no texto acima, observamos que a "bondade" do brasileiro era limitada. A ajuda humanitária ao Haiti era coisa de país rico, não do Brasil. O fato do país

[21] No final de 2010 Dilma Rousseff foi eleita presidenta do Brasil.

[22] Este artigo foi publicado no caderno "Opinião" e foi escrito pelo empresário e economista Manoel Marques Cardoso.

[23] Ver: "O Brasil tem o orgulho de cooperar para a consolidação da democracia naquele país" (DILMA DEFENDE INGRESSO PLENO DA PALESTINA NA ONU, 22 set., 2011, p. 07).

[24] Segundo a biografia contida no final da nota, Sergio Nocera Filho é graduado em Administração de Empresas pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Bacharel em Ciências Contábeis pela UNIP (SP), Especialista em Mercado de Capitais pelo IBMEC-SP, MBA em Finanças pela PUC (PR) e Especialista em Controladoria pela FGF (DF). Na época da nota constava que o mesmo atuava como palestrante, professor universitário, consultor de investimentos, escritor de artigos e Blogs para jornais e revistas de economia.

ser governado pelo Partido dos Trabalhadores (PT) também contribuía com as críticas, uma vez que o periódico e os seus assíduos colaboradores não eram correligionários do governo. Isto posto, ressaltamos o papel da mídia como instrumento político de construção e, por vezes, manipulação dos fatos e acontecimentos históricos. Percebemos que o discurso do jornal *O Progresso,* tanto ao representar o Haiti quanto ao abordar a relação Brasil-Haiti, implica significantemente na construção das representações do imigrante haitiano por parte da sociedade, uma vez que diante das dificuldades econômicas também enfrentadas pelo Brasil, o imigrante haitiano é apontado, mesmo que nas entrelinhas, como um problema social, um incômodo ou até mesmo uma possível ameaça ao funcionamento das cidades em que escolheram residir.

Considerações finais

Durante o período analisado (2010-2014), percebemos que o periódico *O Progresso* optou por evidenciar o Haiti, enquanto país, e não os haitianos. Assim, em um primeiro momento, a imagem dos haitianos perpassou pela imagem construída historicamente do seu país, ou seja, eles foram representados como vítimas, não somente das catástrofes naturais, mas principalmente das dificuldades socioeconômicas. Quanto ao fluxo de haitianos para o Brasil e Mato Grosso do Sul, os imigrantes foram, na maioria das vezes, representados como problema social, incômodo à população brasileira, e possíveis ameaças à segurança pública. O fenômeno migratório e os imigrantes haitianos foram associados a termos como "flagrante", "ilegalidade" e "deportação"; contribuindo para construir e/ou reforçar uma imagem negativa dos estrangeiros.

No processo complexo de compreensão dos fluxos migratórios internacionais e a relação Brasil-Haiti, outros elementos também foram relevantes. Entre eles, destacamos a forma como a população e o governo brasileiro foram representados neste período. Observamos que nas matérias d'*O Progresso*, o governo brasileiro – na figura dos presidentes Lula e Dilma Rousseff – foi criticado e acusado constantemente de priorizar o Haiti frente ao Brasil, enquanto que as iniciativas de ajuda advindas do povo brasileiro eram enaltecidas, sugerindo assim, que a solidariedade era "responsabilidade" somente

da população e não do governo. Além disso, o posicionamento daqueles que escreveram no jornal, em relação ao governo, corrobora para a desmistificação da imparcialidade dos meios de comunicação.

Assim, podemos enfatizar que, por ser a mídia impressa mais relevante na cidade de Dourados e no estado de Mato Grosso do Sul, o discurso do jornal *O Progresso* tem balizado as representações que a sociedade local tem do imigrante haitiano. E isso tem uma série de implicações, porque as ações políticas e sociais voltadas para as redes que se formam a partir desse fluxo resultam dessas concepções, bem como as atitudes das pessoas estão relacionadas com a noção que se têm dos imigrantes e que perpassa pelo que é veiculado na imprensa.

Fontes

517 MILITARES DE MS vão à missão no Haiti. *O Progresso*, Dourados, p. 15, 20 jul. 2010.

ABISMO SOCIAL AINDA é o maior desafio. *O Progresso*, Dourados, p. 19, 19 out. 2010.

ASSISTENCIALISMO É PARA OS RICOS. *O Progresso*, Dourados, p. 2, 11 fev. 2014.

CAIXA LANÇA CAMPANHA para ajudar as vítimas do haiti. *O Progresso*, Dourados, p. 7, 16/17 jan. 2010.

DILMA DEFENDE INGRESSO pleno da palestina na ONU. *O Progresso*, Dourados, p. 7, 22 set. 2011.

EUA CONTROLAM AEROPORTO da capital. *O Progresso*, Dourados, p. 7, 23/24 jan. 2010.

EXPLORAÇÃO CRIMINOSA. *O Progresso*, Dourados, p. 2, 12 dez. 2014.

HAITIANOS DEVEM SER deportados em três dias. *O Progresso*, Dourados, p. 14, 19 mar. 2010.

HAITIANOS ENTRAM ILEGALMENTE pela fronteira com a Bolívia. *O Progresso*, Dourados, p. 7, 11 set. 2012.

IMIGRANTES CONTINUAM ENTRANDO por Corumbá. *O Progresso*, Dourados, p. 23, 11 jun. 2013.

IMPORTAÇÃO. *O Progresso*, Dourados, p. 4, 15/16 jun. 2013.

MAIS UM MILITAR MORTO. *O Progresso*, Dourados, p. 7, 19 jan. 2010.

MILITARES DA FORÇA DE paz recebem homenagem. *O Progresso*, Dourados, p. 14, 5 abr. 2010.

MILITARES EMBARCAM PARA o Haiti amanhã. *O Progresso*, Dourados, p. 16,14/15 ago. 2010.

O BRASIL QUE LULA está nos deixando. *O Progresso*, Dourados, p. 2, 2 dez. 2010.

O MATO GROSSO DO SUL e seus escravos. *O Progresso*, Dourados, p. 2, 11 fev. 2011.

PRESIDENTE DO HAITI. *O Progresso*, Dourados, p. 2, 1 fev. 2010.

REGRAS PARA ADOÇÃO. *O Progresso*, Dourados, p. 7, 1 fev. 2010.

SEIS MIL HAITIANOS entram no Brasil de forma irregular este ano. *O Progresso*, Dourados, p. 7, 1 out. 2013.

SENEGALESES SE JUNTAM A HAITIANOS à espera do visto na fronteira do ac. *O Progresso*, Dourados, p. 7, 11 abr. 2013.

SUL E SUDESTE CONTRATAM maioria dos haitianos legalizados no país. *O Progresso*, Dourados, p. 7, 4 out. 2012.

TERREMOTO MATA ZILDA Arns e 11 militares. *O Progresso*, Dourados, p. 1, 14 jan. 2010.

TRÁFICO DE CRIANÇAS. *O Progresso*, Dourados, p. 7, 1 fev. 2010.

UMA CALAMIDADE MORAL que devasta as famílias. *O Progresso*, Dourados, p. 18, 23/24 jan. 2010.

Referências bibliográficas

BAENINGER, Rosana; PERES, Roberta. Migração de crise: a migração haitiana para o Brasil. *Revista Brasileira de Estudos de População*. Belo Horizonte, v.34, n.1, p.119-143, 2017.

BANZATTO, Arthur Pinheiro de Azevedo; NICOLAU. Paola Cristina. O papel da Cátedra Sérgio Vieira de Mello no processo de integração dos imigrantes haitianos em dourados-Ms e região. In: *4º Seminário de Relações Internacionais da ABRI*, 2018, Foz do Iguaçu-PR.

BARROS, José d'Assunção. *A História Cultural e a contribuição de Roger Chartier*. Diálogos, DHI/PPH/UEM, v. 9, n. 1, p. 125-141, 2005.

BURKE, Peter. *A Escrita da História*: novas perspectivas (Org.). São Paulo: Editora Unesp, 2011.

_____. *A Escola dos Annales (1929-1989)*: a revolução francesa da historiografia. 2ª Ed. São Paulo: Editora da Unesp, 2010.

CANCLINI, Néstor Garcia. Las Fronteiras dentro de los Países, Las Naciones Fuera de su Território. *Revista Diversitas*. Ano 1, nº1, mar/set 2013. p.16-28.

CAPELATO, Maria Helena; PRADO, Maria Ligia. *O Bravo Matutino*. São Paulo: Editora Alfa-Romeu, 1980.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural*: entre práticas e representações. Rio de Janeiro: Bertrand, 1990.

COELHO, Fabiano. Conceitos "cultura" e "representação": contribuições para os estudos históricos. *Fronteiras*: Revista de História | Dourados, MS | v. 16 | n. 28 | p. 87 - 99 | 2014.

COSTA, Gelmino. A. Haitianos em Manaus: Dois anos de imigração – e agora! *Travessia*: Revista do migrante. CEM – Ano XXV, n. 70, p.91-97, 2012.

COTINGUIBA, Geraldo Castro. *Imigração haitiana para o Brasil – a relação entre trabalho e processos migratórios.* Dissertação de Mestrado. Porto Velho: UNIR, Programa de Pós-graduação em História e Estudos Culturais, 2014.

DIEME, Kassoum. O Haiti e suas migrações. *Temáticas*, Campinas, 25, (49/50): 17-48, fev./dez. 2017.

FERNANDES, Duval; CASTRO, Maria da Consolação de. (org). *Estudo sobre a Imigração Haitiana ao Brasil e Diálogo Bilateral*. Belo Horizonte: MTE/PUC-MG/OIM, 2014.

FERNANDES, Duval; FARIA, Andressa Virgínia. O visto humanitário como resposta ao pedido de refúgio dos haitianos. *Revista Brasileira de Estudos de População*, São Paulo , v. 34, n. 1, p. 145-161, abr. 2017.

HANDERSON, Joseph; BERSANI, Ana Elisa. O Brasil e a diáspora haitiana. *Temáticas*, Campinas, 2017.

HANDERSON, Joseph. *Diaspora*. As dinâmicas da mobilidade haitiana no Brasil, no Suriname e na Guiana Francesa. Tese de (Doutorado em Antropologia Social) – PPGAS, Museu Nacional/Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015a.

_____. A historicidade da (e)migração internacional haitiana. O Brasil como novo espaço migratório. *PERIPLOS* | GT CLACSO - Migración Sur-Sur, v. 01, n. 01, 2017.

_____. Diáspora. Sentidos sociais e mobilidades haitianas. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 21, n. 43, p. 51-78, 2015.

JESUS, Alex Dias de. A mobilidade haitiana no Mato Grosso do Sul. In: *Seminário Internacional América Platina*, VI, 2016, Campo Grande. Anais, Campo Grande: Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul, 2016, p. 1 - 7.

JESUS, Alex Dias de; GOETTERT, Jones Dari. Redes de migração haitiana no Mato Grosso do Sul*. Anais do XII Encontro Nacional da ANPEGE*. Porto Alegre, 2017. Disponível em: http://www.enanpege.ggf.br/2017/anais/. Acesso em: 15 de maio de 2019.

KRENISKI, Gislania. C. P.; AGUIAR, Maria do Carmo Pinto *O jornal como fonte histórica*: a representação e o imaginário sobre o "vagabundo" na imprensa brasileira (1989-1991). São Paulo, 2011.

LEE, Everett. Uma teoria sobre a migração. In: MOURA, H.A. de (Coord). *Migração interna*: textos selecionados, Fortaleza: BNB/ETENE, 1980. T.I, p.89-114.

LIMA, Myrian Regina Del Vecchio; ÁVILA, Otávio Cezarini; SILVA, Andrea Rosendo da. Aspectos da representação dos imigrantes haitianos no jornal Gazeta do Povo, de Curitiba/PR. *Intexto*, Porto Alegre, UFRGS, n.35, p. 51-75, 2016.

MARGOLIS, Maximine*. Little Brazil*. Campinas: Editora Papirus, 1994.

MARTINS, José de Souza. O fenômeno migratório no limiar do terceiro milênio. In: *O fenômeno migratório no limiar do 3º milênio*: desafios pastorais / Apresentação Luiz Bassegio. – Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1998, p. 19-34.

MASSEY, Douglas. S.; ARANGO, Joaquim; HUGO, Graeme.; KOUAOUCI, Ali.; PELLEGRINO, Adela.; TAYLOR, Edward. Theories of International Migration: a review and appraisal*. Population and Development Review*, v. 19, n. 3, 1993, p. 431-466.

MASSEY, Douglas. Social Structure, household strategies, and the cumulative causation of migration. *Population Index*, v. 56, n. 1, 1990, p. 3-26.

MASSEY, Douglas. et al. *Worlds in Motion: Understanding International Migration at the End of the Millennium.* New York: Oxford University Press Inc., 2009.

NICOLAU, Paola Cristina Ausência de políticas de integração legislativa de proteção aos refugiados na região sul-americana, o caso do Mato Grosso do Sul. *Anais do II Simpósio Internacional Pensar e Repensar a América Latina.* São Paulo, 2016.

OLIVEIRA, Antônio Tadeu Ribeiro. Nova lei brasileira de migração: avanços, desafios e ameaças. *Revista Brasileira de Estudos de População*. Belo Horizonte, v.34, n.1, p.171-179, jan./abr. 2017.

PATARRA, Neide Lopes. *Brasil: país de imigração?* In: e-metropolis n. 09. Ano 3 | junho de 2012, p.6-18. Disponível em: <http://emetropolis. net>. Acesso em: 29/05/2019.

ROSSETO, Daniele; GOMES, Sueli Castro. Imigração haitiana e a mobilidade do trabalho: Mandaguari-PR, um dos destinos. *Revista Percurso* - NEMO Maringá, v. 9, n. 1 , p. 179-198, 2017

SANTOS, Dominique Vieira Coelho. Acerca do conceito de representação. *Revista de Teoria da História*. Ano 3, Número 6, dez/2011.

SANTOS, M. A; BARBIERI, A.F; CARVALHO, J. A. M; MACHADO, C. J. *Migração: uma revisão sobre algumas das principais teorias*. Belo Horizonte: UFMG/Cedeplar, 2010, 18p.

SASAKI, Elisa; ASSIS, Gláucia. *A migração internacional no final do século.* Caxambu, ABEP, 2000.

SCHWENGBER, Isabela de Fátima. *Representações do MST na imprensa do Mato Grosso do Sul (1995 a 2000)*. 2005. 160 f. Dissertação (mestrado em História) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Dourados.

SILVA, Tatiana Dias. Mulheres negras, pobreza e desigualdade de renda. In: MARCONDES, Mariana Mazzini et al. (Org.). *Dossiê mulheres negras*: retrato das condições de vida das mulheres negras no Brasil. Brasília: Ipea, p.109-131, 2013.

SIMMONS, Alan Burtham. Explicando la migración: la teoría em la encrucijada. *Estudios Demográficos y Urbanos*. México: Colegio de México, v. 6, n. 1, p. 5-31, jan/abr.1991.

SOUZA, Andreia Brito de; BORTOLOTTO, Claudimara Cassoli. Transformações urbanas e imigração haitiana: impactos do novo fluxo de imigração no Brasil. In: *Seminário Migrações Internacionais, Refúgio e Políticas*. 2016, Memorial da América Latina, São Paulo.

TÉLÉMAQUE, Jenny. *Imigração haitiana na mídia brasileira*: entre fatos e representações. Rio de Janeiro, UFRJ/ECO, 2012.

VILLA, Miguel. Una nota acerca del proyecto de investigación sobre migración internacional en Latinoamerica – IMILA. In: PATARRA (Coord.). *Emigração e imigração internacionais no Brasil contemporâneo.* Campinas: FNUAP, p.107-124, 1996.

ZAMBERLAM, Jurandir. *O processo migratório no Brasil e os desafios da mobilidade humana na globalizarão*. Porto Alegre: Pallotti, 2004.